

A RODA DE HISTÓRIA COMO ESTRATEGIA DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Fabiana Andrade de Santana¹

Gérsica Cassia Ferreira Leite²

Ester Calland de Sousa Rosa³

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: O presente trabalho descreve a experiência vivenciada durante a disciplina de Educação literária na escola e na biblioteca. Junto aos estudantes do 4^a ano do ensino fundamental I. Tendo por finalidade compreender como a prática de roda de história estimula o interesse e a reflexão sobre as narrativas. Como delineamento metodológico foi utilizado às seguintes obras: O caçador de Pensamento de Monik Felix e Guilherme Augusto Araujo Fernandes de Mem Fox. Como resultado de análise, concluímos que a roda de leitura influi positivamente no comportamento leitor das crianças. Os dados obtidos também indicam a importância do papel do mediador na seleção de narrativas esteticamente construídas, bem como nas situações planejadas de leitura de textos literários.

Palavras-chave: Literatura infantil, leitura, produção de sentidos e comportamento leitor.

Introdução

O presente artigo descreve as experiências vivenciadas em duas rodas de histórias junto aos estudantes do 4^a ano do ensino fundamental I da rede municipal de Recife. Para tanto, foi elaborado um planejamento para serem trabalhadas as seguintes narrativas: O caçador de pensamentos, autoria de Monika Feth, e Guilherme Araújo Augusto Fernandes, de Mem Fox.

Partindo do pressuposto de que a escolha do livro pelo professor não pode ser feita ao acaso, as obras literárias selecionadas para nossas rodas de história tiveram como base os critérios de seleção descritos por Riter (2009). Sobre essa questão o autor afirma:

antes, de qualquer prática metodológica é de fundamental importância que o professor tenha critérios claros em relação à seleção de textos que apresentará a seus alunos. Uma boa metodologia pode fracassar se o texto escolhido for pobre em significado (RITER, 2009, pág. 63).

¹Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. E-mail: fabianrade31@hotmail.com

Cosson (2012) por sua vez, acrescenta

“que no ambiente escolar a literatura deve ser diversificada, compreendendo que o leitor não nasce feito o que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (p.35).

Sendo assim, visando uma experiência significativa com a roda de história¹ para os alunos, pensamos num texto literário que facilitasse a tarefa de formular boas questões sobre ele, garantindo uma boa conversa e ampliando os significados construídos pelo leitor (BRANDÃO, ROSA, 2011). Elaboramos na condução da roda tanto questões objetivas ou literais (Quem era Guilherme Augusto? Quem era o Sr. Rabuja?), como inferenciais (Como é a relação de Guilherme Augusto com os idosos? Por que será que o Sr. Rabuja não joga fora os pensamentos ruins?) e subjetivas (Os objetos ajudam a recuperar a memória? Que outra atitude você tomaria para ajudar um amigo?).

Além disso, pensamos nas obras Guilherme Augusto Araújo Fernandes e O catador de pensamento por possibilitar a vivência imaginativa, em que o leitor tem a possibilidade de construir um mundo imaginativo situando-se na história lida (o leitor reflete sobre a probabilidade de existir um catador de pensamentos, por exemplo) e; por pressupor a participação ativa do leitor, ou seja, nem tudo está dito, o leitor precisa interpretar, imaginar, refletir e se posicionar sobre os acontecimentos do texto, precisa agregar valores a este. No livro O Catador de pensamentos, a exemplo, tem um trecho que o narrador afirma que os velhinhos têm os bolsos cheios de tempo, numa outra parte é colocado que os pensamentos são leves como a pluma ou pesam mais de um quilo. Assim, para compreender esses enunciados o leitor precisa refletir buscar seu conhecimento de mundo.

Destacamos, ainda, que estas narrativas, em especial O catador de pensamentos, apresentam o uso não utilitário da linguagem, isto é, as palavras ganham novo

¹ Uma vez que os alunos não tinham ainda esse experiência.

significado: “o sono ainda cobre o telhado com um lençol quentinho” (FETH, 1996, p.2).

Levamos em consideração a qualidade das ilustrações do texto. Em *O catador de pensamentos*, tendo como protagonista um idoso tranqüilo, simples e aconchegante, notamos que as cores contribuem para tal construção imagética.

E por fim, ressaltamos que a escolha de um livro de história precisa ser coerente com a faixa etária do público alvo, é importante que o professor tenha a clareza que o interessante dele pode não ser o das crianças. Corroborando essa ideia, Riter (2009) afirma que o bom texto literário promove uma reflexão sobre nós e sobre o mundo que nos cerca, além de possibilitar uma mudança em nós, ainda que não percebamos. Pensando nisso, tendo em vista que as crianças têm contato com idosos, às duas histórias que foram trabalhadas falam da relação de pessoas mais jovens com as pessoas de mais idade. Em Guilherme Augusto Araújo Fernandes, a narrativa pode levar os alunos a pensarem sobre a vida nos asilos, a possibilidade de solidão nesta fase da vida, decorrente, geralmente, da distância ou ausência dos familiares.

Fundamentação Teórica

1. A literatura e a produção de sentidos

De acordo com a história, basicamente o ensino de literatura apresentou um viés moralista e fragmentado, utilizada na maioria das situações para engessar valores e comportamentos estabelecidos pela sociedade como modelos únicos a serem seguidos. No ambiente escolar essa prática foi bastante difundida, era comum as histórias que apresentavam uma moral explícita ser exaustivamente lida e estudada com o objetivo de educar as crianças sobre uma perspectiva moralista e homogenia.

De fato, como nos aponta Fernandes (2011) “O texto literário inicialmente serviu de pretexto para o ensino das virtudes e boas condutas, seguido das normas gramaticais e de outros ensinamentos considerados úteis” (p.322)

De acordo com Brandão e Rosa (2010) “É preciso que a criança compreenda a leitura como uma atividade de construção de sentidos em que é preciso interagir ativamente com o texto”. Nesse sentido, a conversa sobre o texto deverá ser pensada como forma de promover no leitor uma reflexão sobre o que leu ou escutou. Ainda que muitos progressos tenham ocorrido na forma como as escolas utilizam a leitura, é bastante recorrente, principalmente no segmento da Educação Infantil, a leitura literária

ser utilizada como passatempo e pretexto pra ensinar valores como citado anteriormente.

Conforme salienta Riter (2009)

“A leitura não seria apenas preenchimento de horas vagas ou algo descompromissado, visto que só pretende suscitar um prazer de passatempo. Seria sim o encontro com um universo de beleza, propiciando um prazer estético, que encanta quem descobre seus enigmas, sua lógica, seu jogo. (p.53)

Nesse sentido, defendemos a prática de leitura como experiência formativa que venha possibilitar uma postura ativa e reflexiva diante do texto e produza significado para o leitor, o estimulando para uma maior construção de sentido sobre o que foi lido.

Segundo Bajour, (2013) “a preparação do encontro da leitura implica, em princípio, imaginar modos específicos de adentrar e apresentar os textos, de apurar os ouvidos e o olhar do leitor para uma leitura aguçada e atenta” (p.63).

Outro ponto relevante durante esse processo diz respeito à qualidade da conversa estabelecida o momento da leitura. Sobre isso, ressaltamos a necessidade de planejar um diálogo que estimule os alunos a oralizar seu pensamento, aprimorando seu conhecimento, produzindo assim experiências significativas de interesse que os motivem a participar de forma ativa e reflexiva. Nesse sentido, para que se realize uma boa conversa após a leitura e preciso refletir, então, sobre questões que desenvolvam a capacidade de deduzir do grupo.

Ainda em relação às perguntas, Brandão e Rosa (2010), Alertam a necessidade que

“o professor reconheça a existência de tipos diferentes de perguntas de compreensão e tenha, assim, mais subsídios para propor perguntas interessantes que orientem sua conversa a partir da leitura de textos literários, bem como promover uma discussão mais ampla sobre o que foi lido. (p.79).

Por fim, embora ressaltado a importância de uma conversa mais aprofundada durante os momentos da leitura, não estamos defendendo o uso de questionários e fichas extensas de leitura. Mas, uma conversa planejada com questionamentos que mobilizem o entendimento do grupo e o façam refletir sobre aspectos relevantes que não tenha sido compreendido em uma primeira leitura.

2. O planejamento da roda

De acordo com Brandão e Rosa (2011)

“a roda de histórias possibilita que a constiuição de uma identidade grupal faça parte das práticas educativas. Isto porque professora e crianças participam juntas de uma atividade em que vão descobrindo palavras que soam engraçadas, enredos que despertam a curiosidade pelo seu encadeamento, tramas que geram tensão seguida de alívio. (p.37).

Corroborando com o pensamento acima, reafirmamos que a roda de história deve ser entendida como uma atividade permanente na rotina das crianças e desenvolvida a partir de um planejamento que considere o público alvo e suas singularidades. Um aspecto também importante para o sucesso dessa atividade é o tempo destinado para sua realização, nesse sentido é preciso ficar claro para as crianças que a roda de história faz parte do currículo e tem um horário específico para sua realização. Além disso, a escola como um todo deverá estimular e valorizá-la de forma que a mesma não seja substituída por outras atividades consideradas mais “relevantes”. O que certamente contribuirá para uma maior valorização e participação ativa do grupo.

Metodologia

O trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa. As rodas de leitura foram realizadas em uma escola municipal de Recife. A mesma oferece Educação Fundamental (1º e 2º ciclos) e Educação de Jovens e Adultos. Para a pesquisa foram selecionados os seguintes títulos: O catador de pensamentos, autoria de Monika Feth, e Guilherme Araújo Augusto Fernandes, de Mem Fox.

O livro o Catador de Pensamentos conta a história de um velhinho chamado Senhor Rabuja que todas as manhãs percorre as ruas recolhendo todo o tipo de pensamento. Pensamentos bonitos, feios, barulhentos, silenciosos, leves, pesados, inteligentes, bobos, compridos, curtos... Afinal, os pensamentos devem se renovar! E para isso, o Senhor Rabuja planta os pensamentos que se transformam em flores e depois saem voando, colorindo o céu. Ele faz isso com o desejo que os pensamentos se renovem e assim nunca deixem de existir.

O livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes conta a história do menino que reside ao lado de um asilo. Lá ele tem muitos amigos com os quais aprende muitas coisas, mas existe uma amiga muito especial de Guilherme, a Dona Antônia. Guilherme Augusto descobre que Dona Antônia havia perdido a memória. Não sabendo muito sobre o assunto, ele começa a pedir informações aos seus pais e amigos.

Por fim, Guilherme, seguindo cada informação recebida, decide montar uma cesta com vários objetos significativos, com a intenção de recuperar as memórias perdidas de Dona Antônia.

Em nossa primeira roda foi utilizado o livro **O Catador de Pensamentos**. Para o momento inicial (motivação) buscamos despertar o interesse dos alunos para a leitura, apresentando na roda objetos presentes na narrativa pelo protagonista, o Sr. Rabuja: cobertor, boné, casaco e cesta com flores. Em seguida, mostramos a capa do livro, revelando o título e apresentando o autor e ilustrador com algumas informações sobre os mesmos. Logo, após convidamos as crianças a ouvirem a história de um catador de pensamentos.

Quanto à segunda etapa (leitura), propusemos paradas estratégicas para realizar questionamentos de previsão do texto. Nesse momento tínhamos como objetivo compartilhar a leitura e prender a atenção dos alunos para os acontecimentos da narrativa. A terceira etapa (exploração) foi conduzida por vários questionamentos que contemplavam categorias de compreensão sugeridas por Brandão e Rosa (2011): perguntas literais ou objetivas, perguntas inferenciais e perguntas subjetivas.

Para a última etapa (extrapolação) momento de criação, tínhamos como objetivo, que as crianças refletissem sobre que tipo de pensamentos elas tinham naquele momento e pedimos que os modulassem, nomeando-os posteriormente, assim como o Sr. Rabuja fazia. A maioria classificou como pensamentos alegres, tristes, bonitos, carinhosos e maus.

Quanto a nossa segunda roda utilizamos o livro **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Para o momento inicial (motivação) propusemos uma dinâmica que introduzisse a história a ser contada. Em seguida, mostramos para toda a turma a imagem que eles tentaram descrever e representar. Fazendo alguns questionamentos de previsão sobre a história. “O que esse menino está fazendo? Quem vocês acham que é esse menino?” Após as inferências dos alunos dissemos que nome desse garoto é Guilherme Augusto Araújo de Fernandes. e convidamos o grupo a ouvir sua história.

Quanto à leitura, assim como na roda anterior, utilizamos paradas estratégicas para que as crianças pudessem levantar hipóteses sobre o que aconteceria na história. Para à exploração, sentimos uma grande dificuldade em estabelecer uma conversa com todo o grupo, nesse momento parte do grupo dispersou pelo barulho externo causado

por outras turmas. Assim, não conseguimos realizar todos os questionamentos presente no planejamento. Para o momento final (extrapolação) tínhamos previsto realizar uma atividade envolvendo rimas, a partir do nome das pessoas que as crianças lembrassem que tinham muitas memórias, a exemplo da narrativa:

*Ele gostava da Sra. Silvano que tocava piano.
Ele ouvia as histórias arrepiantes que lhe contava o Sr. Cervantes.
Ele brincava com o Sr. Valdemar que adorava remar.
Ajudava a Sra. Mandala que andava com uma bengala.
E admirava o Sr. Possante que tinha voz de gigante.*

Conclusões

Mediar o contato entre a criança e o livro é, indubitavelmente, uma experiência desafiadora e que exige disponibilidade e envolvimento do mediador. Além disso, o momento da leitura necessita ser pensada de uma forma prazerosa e dinâmica possibilitando, portanto, refletir sobre as diferentes atividades que vão além da interpretação de textos. Vale ressaltar também que, é preciso problematizar sobre o espaço da literatura no ambiente escolar e estabelecer um sentido relevante para a presença da leitura nesse ambiente, sobretudo porque, em muitos casos, a escola é a primeira ou a única intermediadora entre o leitor e o livro.

Para tanto, se faz importante o conhecimento sobre os critérios de seleção, descrito pelos estudiosos da área, para que assim a escolha seja coerente e estimule a participação do público alvo. Para Bajour (2013) a escolha de textos vigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações, é a antessala da escuta. (p.27).

Nesse sentido, reafirmamos a relevância da roda de história como estratégia motivadora para o interesse e conseqüentemente para o desenvolvimento de um comportamento crítico diante do texto. Assim, em suas mediações, o professor pode usar a imaginação para seduzir os leitores para que possam usufruir dos encantamentos produzidos por uma leitura sensível e formativa.

Por fim, acreditamos que na hora de planejar, se esses aspectos forem levados em consideração, as chances de o aluno interagir ativamente, demonstrando interesse pela leitura, certamente serão bem maiores. Desse modo, o mediador torna-se fator

decisivo para a constituição de um momento que faça sentido para o grupo e os estimule oralizar seu pensamento, criando um ambiente de euforia diante do texto, propiciando uma maior produção de sentidos ao que foi lido ou ouvido. Além disso, a participação das crianças em rodas de leitura contribui para que elas aumentem seu repertório de história e interajam com seus pares, identificando interesses parecidos.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester C. de S. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (Orgs.) **Coleção Explorando o Ensino** – Literatura/ Ensino Fundamental. 2010. MEC/SEB, vol. 20, pp. 69-106, (http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16903&Itemid=1139)

_____. Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil/ Ana Carolina Perrusi Brandão, Ester Calland de Sousa Rosa (orgs) **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, Editora, 2011.

BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009..

FERNANDES, Célia Regina Delacio. Letramento literário no contexto escolar. In: Adair Vieira Gonçalves; Alexandra Santos Pinheiro. (org.). **Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente**. 1ed.Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, v. 01, p. 321-348

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.